

RELIGIÃO E O NASCIMENTO DA CULTURA – UM DIÁLOGO COM A OBRA DE RENÉ GIRARD

Antonio Lacerda*
Sílvia Sant'Anna*

RESUMO:

Abordamos a vida e obra de R. Girard de forma panorâmica. Os diversos pontos referidos querem ser, antes de mais nada, uma exposição da doutrina girardiana sobre conceito de cultura relacionado à questão da violência e como a coerência do conjunto de sua doutrina conduz a conclusões que estão acima das avaliações até então existentes sobre a temática trabalhada.

Investigamos as oposições que impediram o desenvolvimento de um pensar mais coerente em relação à questão da religião e à explicação fundamental sobre o bode expiatório no pensamento girardiano.

A nossa perspectiva de estudo não assume o partido de nenhum comentarista, mas tem a preocupação de ser uma exposição do pensamento girardiano, num esforço necessário de compreendê-lo melhor enquanto procura conhecê-lo bem. Não nos colocamos, tampouco, como alguma espécie de advogado de R. Girard. O nosso caminho ainda por fazer, na busca do conhecimento da grandeza da sua obra, exige-nos humildade e afincamento para dela participar e usufruir da sua riqueza.

* Mestrando em Ciências da Religião na PUC/SP.

INTRODUÇÃO

René Girard nasceu em Avignon, França, em 25 de dezembro de 1923. Formou-se em Filosofia (1941), concluiu sua pós-graduação em História (1947) como arquivista paleógrafo, com a tese *Vida privada de Avignon na segunda metade do século XIX*, na École Nationale des Chartes, Paris. Conseguiu seu PhD na Indiana University (1950), com a tese “A opinião americana sobre a França, 1940-1943”. Iniciou aí, sua carreira universitária.

Na década de 60, organizou um colóquio internacional sobre “Linguagens da crítica e ciências do homem”, com a participação de diversos intelectuais. Entre eles estavam Roland Barthes, Jacques Derrida, Lucien Goldmann, Jean Hyppolite, Jacques Lacan, Georges Poulet, Tzevetan Todorov, Jean-Pierre Vernant. Reunidos, discutiram, naquele momento, a chamada Nova Crítica Literária e, também, as novas tendências de pesquisa da história e filosofia. Atualmente R. Girard encontra-se aposentado, somente orientando alguns pesquisadores.

Enquanto professor de literatura, antropólogo e crítico literário, desponta como um intelectual de estatura invejável e domínio amplo de toda a cultura ocidental. Com toda a certeza, seu pensamento renovou a antropologia, já que ao reorganizar nossos saberes, deixou-nos clara a idéia: o homem é um animal mimético.

Alguns comentadores identificam sua obra como essencialmente de conhecimento, uma vez que pretende revelar uma verdade universal. Entretanto, em nosso entender, sua obra está mais para um exercício de Alethéia, ou seja, um desvelamento constante das verdades erguidas no pensamento universal. R. Girard nos traz à luz a própria realidade e sua interpretação.

Enquanto observador atento da intelectualidade ocidental e de seus hábitos contemporâneos, inicia um diálogo com a literatura clássica e imortal e, por meio das obras dos maiores romancistas europeus, irá encontrar o fio condutor, que o fará caminhar para além da encruzilhada do labirinto que é a modernidade – o desejo mimético.

Ao objetivar suas idéias, R. Girard cria um texto complexo para o leitor mais desavisado. Principalmente, quando estabelece uma relação com os clássicos do pensamento ocidental por intermédio dos quais discute suas teorias, realimenta-as com suas próprias considerações e, por fim, formula sua teoria original que versa sobre a realidade: o homem e a humanidade. Num segundo momento, o leitor se dá conta da dinâmica e do movimento do texto girardiano e de como se revela. Ficamos surpresos e resistimos à provocação, motivada por diversos fatores: emocionais, ideológicos, teóricos e religiosos.

Talvez, por isso, os teólogos da libertação se sentiram tão atraídos pelo pensamento girardiano. Os dois pensamentos têm em comum a recusa às lógicas de exclusão, às ideologias antivida, à vitimação de seres humanos (em 1990, R. Girard esteve no Brasil participando de um encontro internacional com os teólogos da libertação, o que resultou em um livro).

Ao elaborar sua teoria, R. Girard parte de uma rica e vasta leitura de obras literárias, leitura de mitos e tragédias, da obra de S. Freud e dos textos bíblicos. Leu os evangelhos como uma obra antropológica, S. Freud a partir de M. Proust e Lévi-Strauss a partir de Sófocles.

Seu texto incomoda, provoca curiosidade e leva o leitor a uma série de indagações, tamanha é a vastidão de seu pensamento. Vencemos as resistências para conseguir assimilar e compreender seu pensamento, que engendra o movimento crítico contemporâneo. Desenvolve uma teoria do desejo, da religião e da cultura e, portanto, da história. Suas fontes intelectuais são muitas e, conseqüentemente, pulsam e habitam várias vezes, convergentes e divergentes, numa grande polifonia.

R. Girard, sintonizado com seu tempo, busca resposta para a crise estrutural da modernidade – a morte de Deus, o fim das ideologias, a morte do homem – deixando ecoar as vozes de três grandes mestres do pensamento ocidental: Durkheim, que identificou na antropologia a identidade do social e do religioso, em Freud (Totem e Tabu), pela intuição da morte fundadora e, por último, em Nietzsche, filósofo que ao elaborar uma noção de ressentimento, pode compre-

ender o delírio e conseguiu separar o desejo do objeto.

Desenvolverá sua teoria sobre violência e a função do religioso, na qual dialogarão de forma original, mitos, tragédias clássicas, dos ritos e instituições sociais e culturais. É desse período sua principal obra *A Violência e o Sagrado*.

O NASCIMENTO DA CULTURA

A compreensão sobre como se deu a transição do homínido para o ser humano – ou seja o surgimento da cultura – vem sendo objeto de indagação, desde os primórdios da experiência humana. As narrativas dos mitos, as especulações filosóficas e as afirmações categóricas da ciência, ao longo dos séculos, têm oferecido ricas contribuições, mas que paulatinamente vão sendo demolidas por novas descobertas. No centro da teoria do desejo mimético (R. Girard) está a figura do *bode expiatório* como experiência fundante da cultura humana.

Entre vários estudiosos sobre a questão, gostaríamos de lembrar dois jusnaturalistas: Jean-Jacques Rousseau e Thomas Hobbes, para estabelecer uma comparação com o que diz René Girard. O autor de *O Contrato Social*, Rousseau, acreditava que, no estado de natureza, a humanidade vivia em liberdade e harmonia. Dessa forma criou-se o conhecido mito do bom selvagem. O processo civilizatório teria quebrado essa harmonia original e, para atenuar o conflito entre os homens, houve a necessidade de um pacto que gerou as instituições políticas. Hobbes, ao contrário de Rousseau, dizia que no estado de natureza havia uma violência generalizada entre os homens, porque a natureza humana é constituída de três elementos – a competitividade, a desconfiança e busca de glória – que na relação social explodem em violência. A saída para esse dilema é que cada um abdique de sua liberdade em favor da ordem social e apenas um entre todos, seja eleito como o concentrador da liberdade de todos e aquele que tem o monopólio da violência. É criada a figura de *Leviatã*, um deus

de carne e osso, que não está investido do poder sagrado, mas do poder de que a humanidade o investiu. Um Estado político forte.

Enquanto que para os jusnaturalistas a transição tem como mediação a esfera do político, sem entrarmos na questão do caráter autoritário em Hobbes e democrático em Rousseau, para Girard o desprendimento do homem do estágio natural só foi possível pela mediação do religioso, ainda que no sentido mais elementar do termo. A teoria girardiana desmistifica a noção do bom selvagem, por ser uma idealização do ser humano e não uma teoria verificável. Girard não está preocupado com a boa ou má índole dos primitivos, mas sim com o que os colocava em marcha, não só para sobreviverem às adversidades da própria existência e mais do que isso, com a questão de como se chegou ao processo cultural verificável ao longo de nossa História. Não é que a humanidade, e vale dizer também os outros animais, seja violenta por natureza. Ocorre que o ser humano, em particular, tem um processo de desenvolvimento de sua individualidade a partir da imitação dos outros de sua espécie e do desejo destes, isto é *mimesis*. No afã de realizar esse desejo assume uma postura de auto-afirmação, que é eminentemente agressiva e tende a violar o outro que de modelo passa a ser rival. Segundo Girard, esse é um fenômeno generalizado e tende a ser resolvido quando a violência recíproca se canaliza para um único foco central e elege, entre todos, uma vítima ocasional, que se converte no objeto do ódio de todos e passa a ser, por reconhecimento unânime, o bode expiatório. Nesse sentido há algumas similitudes com o que propôs Hobbes em seu Leviatã. Ambos partem da violência recíproca e generalizada, há um momento de tregua estratégica que resultará, em Girard, na canalização da violência para um único objeto, a vítima, que é aniquilada, ao passo que em Hobbes a violência é reprimida com o surgimento de Leviatã, que é colocado por todos, voluntariamente, num grau de supremacia. Em ambos, o resultado é a paz, mas na sociedade hobbesiana, essa paz é garantida porque cada pessoa sente a espada de Leviatã sobre sua cabeça, ao passo que no mecanismo vitimário, a paz é momentânea, ou seja, enquanto se lembre do sacrifício realizado em favor de todos, mas ele pode ser reproduzido infinitamente.

Quando se afirma que, para Girard, o processo de hominiza-

ção passa pela esfera do sagrado e que o cerne dessa experiência está no mecanismo vitimário, no oferecimento sacrificial de uma vida, é necessário retomar esses conceitos para entender suas etapas, ainda que de forma sucinta.

Na busca da realização, o ser humano procura no outro a distinção de sua individualidade e, ao mesmo tempo, percebe o que ele quer para si e o que só o outro tem. Esse processo denominado desejo mimético, ao mesmo tempo que enaltece as qualidades alheias pelos valores que só ele tem e o faz modelo ideal digno de ser imitado, desenvolve no imitador uma violência avassaladora, capaz de destruir seu modelo que agora passa a ser rival, pois ambos desejam o mesmo objeto. Há uma reciprocidade de sentimentos e intenções entre ambos, ao mesmo tempo que isso se dissemina entre todos, provocando a violência generalizada que, se realmente numa dinâmica de vinganças infundáveis levam a um estado de crise mimética, que só será superado quando a fúria de todos se voltarem para um ponto convergente e a violência recíproca se converter em violência unânime de todos contra uma única vítima, que assume todos os males da comunidade e, dessa forma, é humilhada e esmagada por todos. Esse espetáculo violento, em relação à vítima, esvazia o espírito beligerante dos participantes, criando entre eles uma confraternização que só foi possível com o derramamento do sangue de uma vítima ocasional e, não raro, inocente, denominada bode expiatório. Esse mecanismo vitimário é denominado de sacrificial, pois a vítima, inocente ou não, quando assumiu a função que lhe atribuiu a comunidade para ser o bode expiatório tornou-se maldita, mas imediatamente após ser sacrificada, ou seja, passar pelo *rito* foi reabilitada, pois salvou a comunidade e transformou-se num *mito* do qual todos celebram a memória. A partir do mecanismo vitimário, se inaugura uma nova mímese – interdito, rito e mito são os alicerces, simultaneamente, segundo a teoria girardiana da Religião, da Cultura e da Ordem Social.

Do veneno da violência humana generalizada é extraído o soro salvador do sacrifício que reconhece no sagrado o direito da vida e da morte, da paz sacrificial contra a guerra generalizada. O divino estabelece, a partir da lógica sanguinária do humano, a possibilidade

da continuidade da vida social e a vítima aniquilada pelas iniquidades humanas é reapresentada como herói soteriológico que inaugura a experiência humana da transmortalidade.

As três históricas críticas à Religião, feitas pelos mestres da suspeita, Marx, Nietzsche e Freud e suas conseqüentes soluções que, apesar de polêmicas, gozavam até recentemente de uma certa racionalidade científica ante a teoria girardiana, ficaram desguarnecidas de suporte teórico que lhes credencie como tal. Marx não formulou propriamente uma crítica à Religião, mas apropriou-se da crítica que Feuerbach (in: *A Essência do Cristianismo*) fez à Religião. Para eles a Religião é um instrumento de alienação da humanidade, é ópio. Para Marx, o ser humano se fez pelo trabalho – *Homo faber* – e os conflitos se davam em função do antagonismo de classes. Isso deveria ser acirrado até que os oprimidos tomassem o poder e extinguissem as classes para, por fim, dissolverem o Estado e implementarem a sociedade comunista, livre das contradições, que seria um paraíso telúrico. Nietzsche, mais demolidor, decretou a morte de Deus e dizia que o cristianismo atentava contra o instinto de sobrevivência de uma vida forte. O ser humano, segundo ele, deveria se superar sempre guiado pela vontade de poder. Freud, a partir de sua análise em *Totem e Tabu*, afirma que a Religião nasce do remorso dos filhos que mataram o pai autoritário para possuírem a mãe, mas que não conseguem se libertar da figura do pai, que passa a ser cultuado como divindade, mantendo os homens numa relação de dependência.

CONCLUSÃO

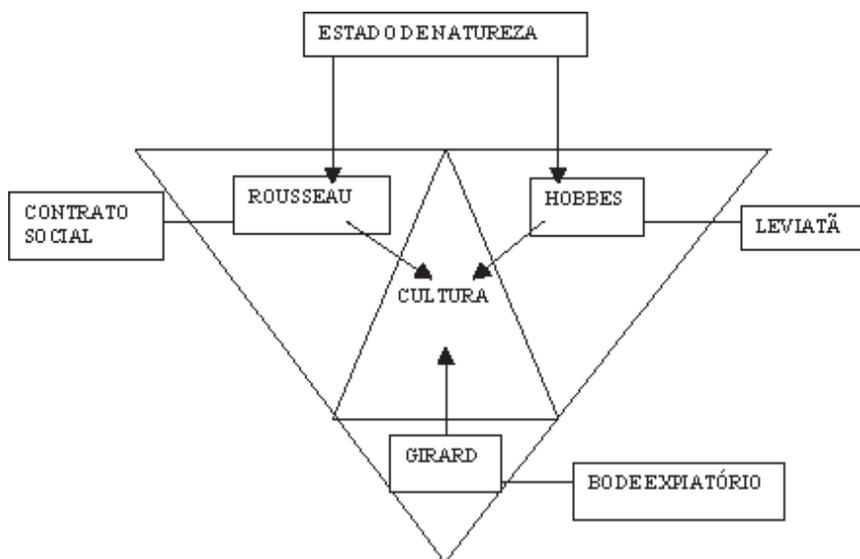
Embora sejam válidas as críticas para as experiências religiosas de qualquer tempo e, em particular, para a conjuntura na qual os autores as formularam, o fenômeno religioso não se esgota nas críticas aqui apontadas, porque, antes do ser humano ser *Homo sapiens*, *Homo faber*, *Homo politicus* é, essencialmente, *Homo religiosus* e isso se

verifica na simples observação da humanidade e, mais profundamente, na teoria girardiana do desejo mimético, que abarca os desejos sexual, de poder, de ter e tantos outros desejos dos seres humanos que, em última instância, é o desejo de ser o que o outro é. A irrupção do sagrado na experiência humana dos primórdios é, ao contrário de todos os estudos sobre a Religião até Girard, tê-la considerado como experiência intimista alienatória ou, no plano social, politicamente engajada e justificadora do *status quo*. Não estando preocupado em caracterizar a irrupção do sagrado como manifestação panteísta, mono-teísta ou politeísta, descobriu sua teoria a partir dos textos mitológicos de várias tradições religiosas e, depois de feita a exegese dos mesmos, comparou-os entre si e descobriu o nexu causal entre eles, o que seria o mistério do nosso mundo: a mímese e o mecanismo vitimário como gênese de todas culturas humanas.

A RELIGIÃO E O PROCESSO DE HOMINIZAÇÃO SEGUNDO OS MESTRES DA SUSPEITA

	RELIGIÃO	PROCESSO DE HOMINIZAÇÃO
MARX	Alienação	Homo Faber
NIETZSCHE	Atenta contra o instinto de sobrevivência	Vontade de Potência
FREUD	Remorso Infantil	Homem Psicanalizado
GIRARD	Mímesis/mecanismo vitimário	Homo Religiosus

SURGIMENTO DA CULTURA



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Hugo (Org.). *René Girard com teólogos da libertação* – um diálogo sobre ídolos e sacrifícios. Petrópolis : Vozes; Piracicaba : Unimep, 1991.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo : Paz e Terra, 1998.

_____. *El chivo expiatorio*. Barcelona : Editorial Anagrama, 1986.

_____. *El misterio de nuestro mundo* – claves para una interpretación antropológica. Salamanca : Ediciones Sígueme, 1982.

GORGULHO, Gilberto. O sagrado: ilusão e imaginário. In: *Interfaces do sagrado* – em véspera do milênio. São Paulo : Olho D'água/ CRE PUC/SP, 1996.